

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROSA E O POEMA DE BARREIROS FILHO

Pedro Albeirice da Rocha (UFT)
albeirice@uft.edu.br

RESUMO

O trabalho de resgate e reunião da obra de autores inéditos é de grande valor para a história literária. Francisco Barreiros Filho (Tubarão-SC, 1891; Florianópolis-SC, 1977) escreveu, entre 1912 e 1986, crônicas e poemas, sob influência, respectivamente, do Naturalismo e do Parnasianismo. Ele pertenceu à chamada “Geração da Academia”, dividindo uma certa liderança com Altino Flores e Henrique Fontes. O espaço de divulgação dessa sociedade literária catarinense era a revista “Terra”. A produção de Barreiros Filho inclui, ainda, artigos de cunho político, estilístico e religioso. Apesar da extensa obra, esta permaneceu, por longo tempo, inédita. Este artigo pretende apresentar, brevemente, algumas características do trabalho desse autor, buscando atrair mais pesquisadores para o tema.

Palavras-chave:
Crônica. Literatura. Poesia.

ABSTRACT

The work of rescuing and gathering the work of unpublished authors is of great value for literary history. Francisco Barreiros Filho (Tubarão-SC, 1891; Florianópolis-SC, 1986) wrote, between 1912 and 1986, chronicles and poems, under the influence, respectively, of Naturalism and Parnasianism. He belonged to the so-called “Generation of the Academy”, sharing a certain leadership with Altino Flores and Henrique Fontes. The dissemination space of this literary society from Santa Catarina was the magazine “Terra”. Barreiros Filho’s production also includes articles of a political, stylistic and religious nature. Despite the extensive work, this remained, for a long time, unprecedented. This article intends to briefly present some characteristics of this author’s work, seeking to attract more researchers to the theme.

Keywords:
Chronicle. Literature. Poetry.

1. Introdução

Não é recente a minha admiração pelo estudo da produção literária em Santa Catarina. No decorrer da atividade de professor e, mais recentemente, durante as atividades de pesquisa no curso de Pós-Graduação, chamou-me a atenção o fato de que um determinado grupo de escritores permanece pouco estudado e pouco ou nada editado: os membros da “Geração da Academia” que, sobretudo nos anos vinte,

promovem uma ruptura com o *status quo* literário, ainda ligado aos valores românticos.

O fato de os integrantes da Academia Catarinense de Letras não se terem tornado objeto de estudo talvez encerre um preconceito, já que, numa década tão significativa para o Modernismo brasileiro, eles se encontravam, ainda, às voltas com o perfeccionismo parnasiano e o purismo linguístico.

Entendo, porém, que, para a realidade cultural catarinense, o Realismo-Parnasianismo constituía ideia de vanguarda, posto que um Romantismo anacrônico teimava em permanecer e ditar as “normas” da boa escrita.

A essa época, três nomes podem ser identificados como integrantes de uma vanguarda, ainda que vinculada à estética da forma: Altino Flores, Othon d’Eça e Barreiros Filho. Dentre eles, escolhi o menos divulgado e ainda inédito, individualmente, em livro: Barreiros Filho. Para efeitos deste artigo, será enfocada apenas a produção em prosa do referido autor.

2. O cronista-escrivão de “Os dias”

As crônicas de Barreiros Filho situam-se num entrelugar que as equidista do erudito e do coloquial. Artista cujo fazer poético, pela persistência na correção, representa “verdadeiro tormento para o seu espírito sequioso de perfeição”, no dizer de Altino Flores (1973, p. 34) o cronista de “Os Dias” se livra das amarras da forma o suficiente para dotar suas crônicas de leveza e coloquialidade.

Isso ocorre semelhantemente com Olavo Bilac, um de seus modelos. Segundo Antonio Candido (1992, p. 16), o autor de “Profissão de Fé” foi obrigado, enquanto cronista, “a amainar a linguagem, a descascá-la dos adjetivos mais retumbantes e das construções mais raras, como as que ocorrem na sua poesia e prosa das suas conferências e discursos”.

O crítico Nereu Correa (1971) percebe o êxito de Barreiros Filho neste particular, ao afirmar que “o professor de Português, ou melhor o gramático, ao contrário do que geralmente acontece, nunca foi um estorvo ao artística da palavra”.

As crônicas “Os dias” têm uma Linguagem mais solta, sem a sintaxe tão rebuscada, as inversões e o vocabulário opulento dos sonetos de estrutura parnasiana ou do discurso político.

Contribui para isto o fato de o escritor retratar o cotidiano ilhéu, a vida provinciana, com seus costumes e tipos humanos. As citações de Barreiros Filho, a partir de agora, são todas feitas a partir de suas obras apresentadas na obra *Os Dias: a crônica e o poema de Barreiros Filho* por Barreiros Filho e Rocha (2018). Observe-se, por exemplo, como ele descreve o “footing” em Florianópolis, ao cair da tarde:

Há uma confusa promiscuidade de gente e de “toilettes”: os bairros saíram a espairecer, a ver um bocado de cidade propriamente dita. Os trajos, na sua variabilidade e gosto, vão desde as rabonas negras dos funcionários públicos até o duro riscado do carroceiro. (BARREIROS FILHO; ROCHA, 2018, p. 70)

E ainda:

Os cinemas tintinam sem parar... A lua vai tomando cores, vai alourando. Estrelinhas piscam as primeiras cintilas. (BARREIROS FILHO; ROCHA, 2018, p. 70)

O cronista maneja, como se vê, desde a força onomatopaica do verbo “tintinar”, lembrando o som emitido ao acionar das manivelas de antigas máquinas registradoras, até o poder imagético de orações como “Estrelinhas piscam as primeiras cintilas”. Em Barreiros Filho, o hábil manejo dos recursos estilísticos não está a serviço do preciosismo. São esses recursos, segundo Jorge de Sá (1993), que atribuem ao texto um valor literário.

O enfoque do cotidiano de Florianópolis é levado a efeito, ainda, em outras crônicas, como a de número 35, na qual o cronista inclui o pescador, um dos tipos humanos que mais caracterizam o litoral:

De pé, às proas, canoeiros netunitamente levam à boca trompas de chifre e buzinam, buzinam longos gemidos no largo silêncio da manhã. (SÁ, 1993, p. 98)

O cronista estabelece um diálogo tão natural, que parece transportar o leitor, juntamente com ele, à beira-mar:

- Muito camarão?
- Pouco... Uns quatrocentos, quer comprar?
- Grados?

– E fresquinhos, desta noite, olhe... (SÁ, 1993, p. 98)

A narrativa segue até o negócio ser fechado, passando pelas técnicas de compra e venda demonstradas por uma e outra personagem.

A crônica “Os Dias” – 42 também enfoca o dia a dia do litoral catarinense. Nela o escritor narra a espera das barcas que fazem a travessia Ilha-Continente. Aproveitando o pretexto do grande atraso do transporte, Barreiros Filho exercita sua faculdade de observação dos seres humanos, descrevendo reações físico-psíquicas das personagens:

Por enquanto vou observar à parte essa ansiedade e desgosto por causa da ingratidão da lancha. Há um ar de inquietação na maioria das caras. Bom momento para ver na fisionomia humana as contrações oriundas do descontentamento. O homem denuncia nas rugas, na mímica, nas caretas os sentimentos íntimos, as contrariedades irritantes, a dor, o triunfo, a estupefação, a inteligência. (BARREIROS FILHO, 2012 p. 112-13)

No mesmo texto, o cronista exerce o ofício de observar o comportamento das personagens, como se fosse mesmo um psicólogo:

Um tipinho baixo e gordo, por exemplo, levantou o chapéu até o occiput, derrubou-o testa abaixo encapelando os próprios olhos, asfixiando quase o próprio nariz (...) E funga, e resmunga, e rola descontentíssimo por entre os descontentes. (BARREIROS FILHO, 2012 p. 113)

O carnaval, metonimizado nos blocos de sujeito, também recebe o enfoque do cronista, cujo comportamento de folião é autoanalisado. Observe-se, ainda, em “Os Dias” – 25 uma outra tendência do autor: a de referir-se a si próprio como “ele”, prática essa que abandona somente em 1917, no Jornal “O Estado”.

A fantasia dominante é a do sujeito. Dentre os mascarados **ele** prima pelo excesso do gesto, pela cabriola exagerada, pelos guinchos sobreagudos – tudo feito através de uma satisfação e um gozo tais que para logo o rei da exibição carnavalesca é **ele**. (p. 86) (grifos meus)

A tendência de utilizar a terceira pessoa para referir-se a si próprio, já havia sido detectada em “Os Dias” – 4:

Pelos orvalhados da vidraça, de manhã cedo, ‘ele’ vê os pombos, os clássicos enamorados numa telha carunchosa, conjugando o mais conjugado de todos os verbos. (p. 67)

Em outra crônica, a de número 29, além de focar o cotidiano ilhéu, o autor fixa o momento histórico dos novos tempos de liberdade da etnia negra, já quase trinta anos após a Abolição da Escravatura:

A preta das compras, de braço dado a uma cesta, marcha calçada fora, tal como vela cheia de vento próspero num mar de rosas [...] Dir-se-ia loco-

motiva com terreno monopolizado, atulhando o tráfego matutino, garantida por um privilégio de estrada de ferro. (p. 89)

Outro fato histórico marca a escritura de Barreiros Filho: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em “Os Dias” – 30, por exemplo, emocionado com a audição do Hino Nacional Brasileiro, o cronista exclama:

Com o meu punho fechado, mãe ofendida, baterei no Golias moderno, nossa inimiga Alemanha, três vezes execrável! (p. 91)

A faculdade de observar as reações humanas leva o autor a comparar o ser humano a determinados elementos da natureza. Está em “Os Dias” – 37:

Cada fenômeno no mundo físico parece, tem um correspondente no mundo moral. (...) A natureza moral repete em miniatura a natureza físico-cósmica. (p. 100)

Ainda comparando elementos naturais a pessoas, o cronista equipara a porção clara do dia ao indivíduo jovem, dentro de uma visão fatalista. Está em “Os Dias–28:

A ti, moço, a ti, dia matinal, um só destino vos está reservado no transcorrer da vossa vida ligeira; o sofrimento, a dor, as calmarias solares, os suores e os serenos dos crepúsculos laboriosos e fatigados. (...) tu, moço trabalhador da Esperança; tu, rebelado da Realidade; tu, descrente dos fatos; tu visionário crédulo, fetichista, idólatra do sonho Bendito; tu, teimoso colecionador de teorias loucas e lindas, verás não a Vésper suavíssima, nuncia do Cruzeiro, mas cairás pegado no alado morcego da Morte, quando julgavas tocar as iriadas asas de uma borboleta, atrás da qual alante, e a correr, esgotaste a existência inteira” (p. 88-89)

Mas, nem só de pessimismo vive a crônica de Barreiros Filho. O cronista também tem seus dias de otimismo. É o caso de “Os Dias” –51. Numa nova comparação natureza/homem, o escritor ensina que o exemplo dos pássaros a cantarolar “em revoó perene”, espelha “o bom humor dos catarinenses”. Depois de comentar a carestia e as dificuldades da vida, conclui animado:

[...] Tristezas? Quais tristeza? Se todas se vão numa piada boa, ou se entontecem com três voltinhas pelo Jardim? A divisa é risonha, minha gente: - podia ser pior. (p. 122)

O provincianismo da capital catarinense não foge à capacidade de análise do cronista. Referindo-se à “hora do apetite”, o cronista vê o ilhéu “à mesa do almoço, a comer o seu pão e a mastigar o seu bife sem pressa, à velha moda patriarcal.” (“Os Dias” – 18, p. 81).

A crônica de número 24 comenta a intriga, outra faceta do viver provinciano:

Terra pequena tem a língua afiada, e esta conserva o fio da lâmina na pele do próximo, matando o tempo que custa a passar. (p. 86)

O tempo presente não é, porém, a única matéria de “Os Dias”, em que pese a escrita sobre o passado ser menos freqüente em Barreiros Filho. Em compensação, quando ocorre, está eivada de lirismo. Assim acontece, por exemplo, quando ele recorda o primeiro flerte, à saída do Colégio das Irmãs, em Tubarão, aos doze anos de idade:

Ele vinha da escola, da escolinha das Irmãs de Caridade, com um livro de leitura debaixo do braço. A seu lado, uma coleguinha descuidosa, garrulava não sei que cousas, acerca das aulas do dia, e foi então que combinaram ambos apanhar uma laranjas na chácara... (“Os Dias” – 12, p. 75)

Ao descrever a paixão que levou o pequeno casal aos “primeiros beijos de amor”, o cronista lembra detalhes a traír, ao que parece, influências naturalistas:

Já não lhe lembra bem como foi que sentiu numa embriaguez desconhecida uma maré de sangue e fogo encher-lhe o coração. (p. 75)

Um misto de saudade da infância e da terra natal viabiliza ao cronista um texto de evocação a Tubarão, chamada por ele de “Canã do Sudeste Brasileiro” e “Terra Prometida de um futuro talvez remoto, mas sem dúvida nenhuma, mais brilhante que remoto. (“Os Dias”, 13, p. 76).

Entretanto, o amor pelo Sul do Estado não se restringe a Tubarão. É em Imaruí, região de Laguna (cujas lagoas lembram, um pouco, as baías Norte e Sul, divididas pelo Estreito), que Barreiros Filho faz um passeio inesquecível. Tanto que transcreve parte do que viu na crônica “Impressões de Imaruí”, escrita para o “Anuário Catarinense” (1917), com tons de tal forma realistas e naturalistas, que o próprio autor, ao republicá-los em 1971, insere uma observação: “Há muita influência de Eça de Queirós nesta prosa” (p. 133). O texto é considerado por Altino Flores (1973) uma “belíssima aquarela”.

Na verdade, esta crônica possui termos que lembram o cientifismo naturalista, como: “o salitrado oxigênio”, “viva irradiação solar” e “hematose do progresso”.

3. *Considerações Finais*

Como se pôde observar, Barreiros Filho expõe, em suas crônicas, um sentimento de amor pela natureza e pelo ser humano.

Seja comentando o dia a dia, exaltando a natureza, ou ainda, exercitando sua capacidade de observação do comportamento humano, o escritor recria a realidade, aproximando a língua escrita da oralidade. Consegue, assim, um equilíbrio entre a linguagem coloquial e a culta.

Espera-se que este artigo anime a outros pesquisadores a investigar a respeito da obra desse autor ainda esquecido da historiografia literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. 200p.

CORREA, Nereu. *Perfis e retratos em vários tons*. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1986. 200p.

FLORES, Altino. *Sondagens literárias*. Florianópolis: UDESC/Edeme, 1973, 100p.

BARREIROS FILHO, Francisco; ROCHA, Pedro. *Os dias: a crônica e o poema de Barreiros Filho*. Gurupi: 2019, 200p.

SÁ, Jorge de. SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo, Ática, 1993, 90p.